

Entender os riscos para gerar oportunidades

Estudo da KPMG analisa os principais fatores de risco divulgados pelas empresas abertas brasileiras

Por **Sidney Ito**, CEO do ACI Institute e do Board Leadership Center da KPMG no Brasil e sócio em Riscos e Governança da KPMG no Brasil, e **Fernanda Allegretti**, sócia-diretora do ACI Institute, do Board Leadership Center e de Markets da KPMG no Brasil.

KPMG Business Insights
80^a edição | Agosto de 2022

Os riscos regulatórios e as condições econômicas e de mercado estão entre as principais preocupações das empresas, de acordo com o estudo *Gerenciamento de Riscos: os principais fatores de risco divulgados pelas empresas abertas brasileiras*, produzido pelo **ACI Institute** e o **Board Leadership Center**, ambas iniciativas da KPMG. As conclusões reunidas na análise foram elaboradas com base nas informações divulgadas nos formulários de referência de 279 empresas abertas no País.





Sidney Ito



Fernanda Allegretti

O estudo revela um mercado atento à instabilidade inerente ao momento que vivemos, tanto mundial quanto em âmbito nacional. Em termos globais, temos o conflito Rússia-Ucrânia, que vem impactando os negócios de diversas formas – incluindo aumento de preços, uma crise energética iminente, com a supressão do fornecimento de gás russo, e o aumento dos ataques cibernéticos, muitas vezes perpetrados com o objetivo de afetar instalações de infraestrutura.

Enquanto isso, a China ainda não abrandou totalmente as medidas de isolamento social adotadas como forma de conter o avanço da covid-19. Se um gigante como a China persiste no *lockdown*, isso se traduz em prolongamento da crise na cadeia de suprimentos, que afeta todos os países e puxa para baixo os indicadores econômicos globais.

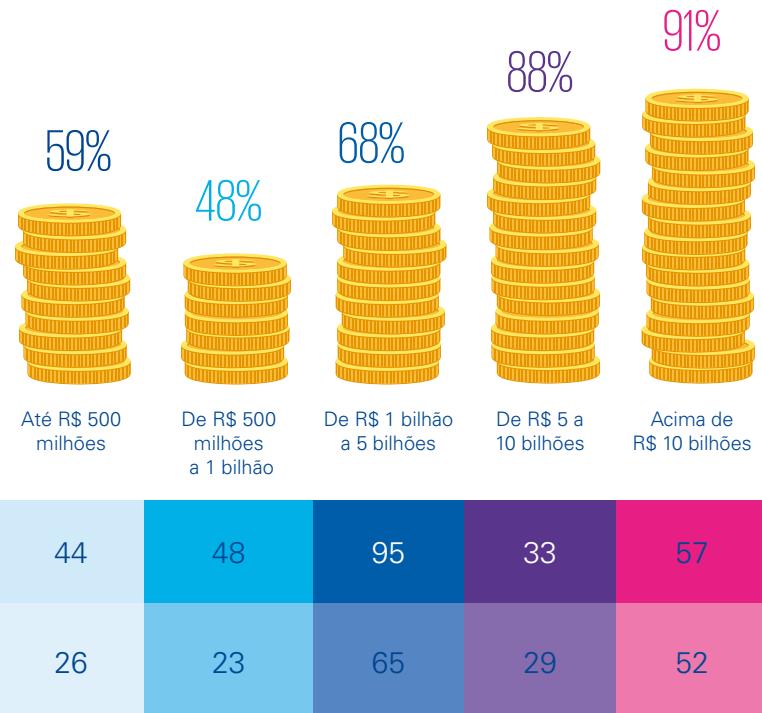
O Brasil, por sua vez, tem a quarta maior inflação do mundo, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Embora tenha desacelerado de 1,06%, em abril, para 0,47% em maio, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), métrica oficial da inflação brasileira, acumula 11,7% em 12 meses, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Mas não é só isso: outras questões, como as crescentes exigências do mercado em relação a uma agenda de responsabilidade ambiental, social e de governança, o ESG, impõem outras pressões aos gestores empresariais: 71% das organizações abertas que operam no Brasil apontaram ESG como um fator de risco.

Conforme organismos como o International Sustainability Standards Board (ISSB) e o recém criado Comitê Brasileiro de Pronunciamentos de

Sustentabilidade (CBPS) estabelecem padrões de divulgação sobre sustentabilidade, esse aspecto tenderá a ganhar ainda mais relevância. Vale lembrar que as medidas de mitigação de emissões de gases de efeito estufa (os GEEs, que estão associados às mudanças climáticas) abrigam-se sob o guarda-chuva do ESG e já são reconhecidas como uma necessidade global; na mesma toada, as políticas de inclusão, o combate às desigualdades e uma série de outras providências que muitas empresas já estão adotando, devem se tornar mais importantes.

Percentual de empresas que informaram possuir uma área de gerenciamento de riscos, conforme faturamento:



Número de empresas que não divulgaram informações sobre a receita: 3



Saúde e TI

Um ponto que chama atenção nesta sétima edição do estudo é o **ganho de relevância por parte do item Tecnologia da Informação (TI)**. Na edição anterior, 67% das empresas analisadas relataram esse fator em seus formulários de referência; neste ano, 79% apontaram esse risco, refletindo as consequências do salto digital experimentado por diversos setores de negócios desde o impacto da pandemia e as perspectivas futuras, que incluem a expansão do 5G e o aprimoramento do uso de recursos como a Realidade Aumentada e a Inteligência Artificial.

O Metaverso, que pode abrir o caminho para inovações sem precedentes em diversas áreas, deve trazer inúmeras oportunidades – e, como sempre ocorre quando algo novo desponta no horizonte, certamente trará riscos e desafios, principalmente no que tange aos ataques de cibercriminosos.

Também vale ressaltar que, na edição anterior desse levantamento, 57% das empresas citaram o fator de risco “covid-19, pandemias e saúde pública” em seus formulários de referência. No estudo deste ano, a menção foi feita por 72% das empresas, elevando a preocupação da 21ª posição (ocupada na sexta edição do estudo) para o 11º lugar.

Insights, riscos, oportunidades

A KPMG provoca *insights*. Isso está no DNA da Organização. Quando se fala em riscos para as empresas, o estudo *Gerenciamento de Riscos* se destaca como uma fonte valiosa de reflexões: a pesquisa fez um *ranking* com os 25 fatores de risco mais mencionados pelas companhias abertas atuantes no Brasil e separou esses riscos por segmento de atuação.

RISCOS

Riscos regulatórios	264	95%	95%
Condições econômicas e de mercado	261	94%	92%
Riscos aos acionistas	258	92%	91%
Riscos operacionais	253	91%	86%
Riscos nanceiros e de caixa	249	89%	86%
Concorrência	246	88%	85%
Riscos jurídicos	245	88%	85%
Riscos associados à execução da estratégia de negócios e/ou plano de investimentos	244	87%	83%
Riscos da Tecnologia da Informação	221	79%	67%
Riscos associados à atuação do acionista controlador	214	77%	75%
Covid-19, pandemias e saúde pública	201	72%	57%
Riscos socioambientais	199	71%	66%
Riscos associados a recursos humanos	198	71%	64%
Risco de insuficiência do valor e/ou cobertura dos seguros contratados	198	71%	66%
Riscos tributários	197	71%	64%
Risco de inadimplência	182	65%	66%
Condições econômicas e de mercado internacionais	182	65%	59%
Risco de mudança nas políticas governamentais sobre o setor	178	64%	68%
Riscos de governança inefetiva	175	63%	49%
Riscos associados aos gestores	166	59%	59%
Riscos associados à dependência com relação a fornecedores	165	59%	57%
Risco de condutas ilícitas, como fraude, corrupção ou suborno	162	58%	49%
Riscos associados às subsidiárias, controladas ou investidas	160	57%	58%
Riscos associados à marca e à reputação da companhia ou do setor	160	57%	51%
Risco de variação no preço e/ou de disponibilidade dos insumos	150	54%	56%

 Quantidade de empresas

 % edição 2022

 % edição 2021





Um dos segmentos é o de consumo cíclico, que inclui de automóveis e motocicletas a vestuário e contratação de serviços educacionais, lazer, hotéis e restaurantes. Neste amplo espectro de negócios caracterizados pela relação empresa-consumidor (B2C), a concorrência ainda é o principal risco (96%), seguida pelas condições econômicas (94%). Mas o que chama a atenção é a relevância dos riscos de TI, que obteve 89% das respostas. A crescente digitalização do setor de bens e serviços certamente está na raiz dessa maior preocupação.

Agrupando as empresas de água e saneamento, energia elétrica e fornecimento de gás, temos o segmento de utilidade pública, no qual 100% das empresas mencionaram os riscos jurídicos e 98% os riscos regulatórios, seguidos dos riscos operacionais, financeiros e de caixa e riscos associados à ação da natureza, com 95% cada.

Bancos, sociedades de crédito e financiamento, sociedades de arrendamento mercantil, securitizadoras de recebíveis, serviços financeiros diversos, gestão

de recursos, corretoras de seguros e resseguros, dentre outros negócios, compõem o setor financeiro da pesquisa. Os riscos regulatórios lideram as preocupações dessas empresas, com 96% das respostas; em seguida, com 94%, estão as condições econômicas e de mercado, e com 92%, os riscos aos acionistas.

As condições econômicas e de mercado são apontadas por 100% das empresas que integram o segmento de bens industriais. São organizações de engenharia, construção pesada, máquinas e equipamentos agrícolas e industriais, material aeronáutico e de defesa, transportes aéreo, ferroviário, hidroviário e rodoviário, dentre outras. Esse segmento depende fortemente da capacidade de planejamento a longo prazo dos setores público e privado, o que é significativamente prejudicado pelos cenários global e local que mencionamos no começo deste artigo. Dentre os riscos mencionados por essas empresas, incluem-se riscos regulatórios (97%), jurídicos (94%) e riscos aos acionistas (94%).

Um panorama dos riscos nos principais setores

Os 10 fatores de risco preponderantes para o segmento de TI foram citados por 100% das empresas. São eles: riscos associados à marca e à reputação da companhia ou do setor; jurídicos; associados aos gestores; concorrência; associados à execução da estratégia de negócios e/ou plano de investimentos; condições econômicas e de mercado; associados à propriedade intelectual e ao direito de uso da marca; falta de inovação e/ou obsolescência tecnológica; de TI; e aos acionistas.

Em seguida, desponta o segmento de consumo não-cíclico, que engloba a atividade agropecuária, o comércio e a distribuição de alimentos processados, bebidas em geral, produtos de limpeza e higiene pessoal. As condições econômicas e de mercado preocupam 100% dessas empresas; em seguida, despontam os riscos aos acionistas e os riscos operacionais, com 95% cada um.

Para as 18 empresas que compõem o segmento de saúde (medicamentos, equipamentos hospitalares, serviços médicos, análises e diagnósticos), sobressaem, com 100% cada um, os seguintes riscos: regulatórios; TI; recursos humanos; concorrência; operacionais; condições econômicas e de mercado; acionistas; e riscos associados à execução da estratégia de negócios e/ou plano de investimentos.

O segmento de materiais básicos, que envolve de produtos químicos e petroquímicos, fertilizantes e



defensivos, atribui 90% das respostas aos riscos financeiros e de caixa e aos riscos operacionais. Com 85% cada um, estão os riscos associados a recursos humanos, condições econômicas e de mercado, variação no preço e/ou de disponibilidade dos insumos, riscos jurídicos, regulatórios, socioambientais e riscos associados à execução da estratégia de negócios e/ou plano de investimentos.

Os riscos financeiros e de caixa foram apontados por 100% das empresas que compõem a amostra do setor de petróleo, gás e biocombustíveis. Com 90% cada um, figuram os riscos operacionais; riscos associados à execução da estratégia de negócios e/ou plano de investimentos; riscos regulatórios; condições econômicas e de mercado; concorrência; recursos humanos; insuficiência do

valor e/ou cobertura dos seguros contratados; e riscos aos acionistas.

Por fim, o setor de comunicação aponta, com 100% das respostas, os riscos jurídicos; regulatórios; operacionais; associados a recursos humanos; governança inefetiva; falta de inovação e/ou obsolescência tecnológica; riscos associados à execução da estratégia de negócios e/ou plano de investimentos; riscos de mudança nas políticas governamentais sobre o setor; riscos de TI e riscos financeiros e de caixa.

Conclusões

Diferentes segmentos sentem os impactos do momento atual, detectam perspectivas e elegem suas prioridades em riscos de acordo com suas respectivas

realidades. Sabe-se que a perda de uma oportunidade pode afetar a competitividade de um negócio e, a depender dos desdobramentos, até sua continuidade e existência.

Por isso é tão relevante compreender os riscos e obter *insights* que permitam às empresas se anteciparem para mitigá-los ou enfrentá-los, de tal forma que estes se transformem em oportunidades: não apenas oportunidades de negócios, mas de criar diferenciais, de fortalecer a marca e de se firmar como um *player* essencial aos novos tempos.

<https://home.kpmg/br/pt/home/servicos/aci-institute-brasil/gerenciamento-riscos-destaques.html>



Empresas que integram a amostra deste estudo



Total de empresas: 279